

**DOIS OU TRÊS PONTOS SOBRE A SINGULARIDADE E A RESPONSABILIDADE
NA PESQUISA CIENTÍFICA EM CIÊNCIAS HUMANAS: CONSIDERAÇÕES A
PARTIR DE *PARA UMA FILOSOFIA DO ATO*, DE BAKHTIN**

***TWO OR THREE POINTS ABOUT THE SINGULARITY AND RESPONSIBILITY IN
SCIENTIFIC RESEARCH IN THE HUMAN SCIENCES: CONSIDERATIONS FROM
“TOWARD A PHILOSOPHY OF THE ACT”, BY BAKHTIN***

Felipe Augusto Santana do Nascimento¹
Mestre em Letras
Universidade Estadual de Campinas
(felipe.augustus@hotmail.com)

RESUMO: Este trabalho tem como objetivo discutir, a partir da obra **Para uma filosofia do ato**, de Bakhtin, as implicações das noções de singularidade e responsabilidade para a pesquisa científica nas Ciências Humanas – mais especificamente nos estudos da linguagem. Partimos do pressuposto de que, na arquitetônica proposta por Bakhtin, em sua obra **Para uma filosofia do ato**, a alteridade é fundante e, nesse sentido, a constituição da singularidade do **ser-evento** no/pelo **outro** implica um ato ético responsável do pesquisador frente à singularidade de seu **outro** – o objeto de estudo. Pontuaremos, portanto, essas questões por meio do olhar da filosofia Ética proposta por Bakhtin.

Palavras-chave: Ciências humanas; Pesquisa científica; Responsabilidade; Singularidade.

ABSTRACT: This paper aims at discussing, from the book “Toward a Philosophy of the Act”, by Bakhtin, the implications of the singularity and responsibility notions for the scientific research in the Human Sciences - specifically in language studies. We assume that in the architectural proposed by Bakhtin in his book “Toward a Philosophy of the Act”, the alterity is foundational and, accordingly, the constitution of the singularity of *being-event* at / by *another* implies a responsible ethical act of the researcher facing the singularity of his *other* - the object of study. Thus, we point these issues through the Ethics philosophy proposed by Bakhtin.

Keywords: Human Sciences. Scientific research. Responsibility. Singularity.

Primeiras palavras...

*“(...) sólo en el acto ético existe una salida de la sola
posibilidad hacia la singularidad de una vez y para siempre (...)
El acto en su integridad es más que racional: es responsable.”
Hacia una filosofía del acto ético – Bajtin²*

É um “consenso” entre os estudiosos da linguagem que a Linguística, no início do século XX, por meio das anotações de alguns alunos, que seguiam os

¹ Doutorando em Linguística.

² (1997, p. 37, *grifos do autor*). Ora utilizaremos a grafia Bajtin – nas citações referentes à tradução espanhola, ora a grafia Bakhtin – quando estivermos discutindo o seu pensamento.

cursos de Linguística Geral ministrados por Ferdinand de Saussure³, “alcançou” o *status* de ciência, ao delimitar o seu objeto de estudo (a língua) e ao construir uma metodologia própria (o recorte sincrônico em detrimento do diacrônico). Tal empreitada tornou-se um marco na área dos estudos sociais/humanos, pois, finalmente, esses estudos poderiam ter um “norte” por meio do qual se inspirariam e alcançariam o tão almejado *status* de ciência. A Linguística, dessa forma, além de conseguir o seu lugar entre as ciências, tornou-se a ciência piloto que ensinaria, aos demais estudos sociais/humanos, a se alinhar à ordem do discurso positivista sobre o que é uma pesquisa científica, mostrando-lhes que é preciso afastar tudo aquilo que é alheio à “cientificidade”, isto é, a heterogeneidade e a parcialidade (a singularidade e a responsabilidade do pesquisador). Por isso a escolha por estudar a língua – que seria homogênea em detrimento da fala, heterogênea – e a ilusão de que, por apresentar um objeto delimitado e uma metodologia pronta, seria possível um estudo neutro, imparcial, livre de responsabilidades.

Ledo engano o dos linguistas! Logo percebeu-se que o sistema fechadinho, o qual delimitaram, não dava conta da riqueza de seu objeto. E muitos foram, então, os que tentaram “reorganizar” esse objeto, expandindo-o, incluindo novas perspectivas, discutindo o lugar do sujeito na complexidade dessa nova ciência. As tentativas foram muitas, as cisões logo aconteceram e a discussão sobre a linguagem foi ganhando novos caminhos, os quais possibilitaram à Linguística apresentar várias frentes de trabalho (daí a preferência de alguns pela designação “Estudos da Linguagem”, que abarcaria essas novas frentes), cada uma enfatizando o olhar sobre um aspecto da linguagem e voltando, cada uma ao seu modo, ao **Curso de Linguística Geral** (1916), para legitimá-lo ou contradizê-lo. A Linguística, aqui, é só um exemplo de como os caminhos das ciências humanas foram sendo ampliados e traçados; no entanto, o discurso positivista sobre o que é ciência ainda marca profundamente as Ciências Humanas, de uma maneira geral, sendo preciso sempre discutir o que queremos e o que compreendemos sobre pesquisa científica nas Ciências Humanas.

Essas discussões, entretanto, não são recentes e já perduram há bastante tempo. Prova disso é a preocupação de Bakhtin, no início da segunda

³ Referimo-nos ao **Curso de Linguística Geral**, o qual é resultado de anotações feitas por alguns dos alunos de Saussure e editado por Charles Bally e Albert Sechehaye.

década do século XX (mais especificamente entre 1920-24), com a questão do ato ético responsável e do pensamento teórico, em sua obra **Para uma filosofia do ato**⁴, a qual pretende lançar um outro olhar sobre a dimensão humana, ao enfatizar as questões da singularidade e do ato ético responsável. Tal perspectiva se contrapõe, dessa forma, ao discurso recorrente sobre a ciência, a qual homogeneiza o seu objeto de estudo, a fim de, por meio de suas regularidades, comprovar e/ou obter o resultado esperado. Não há espaço, portanto, para a unicidade e a heterogeneidade, tampouco para compreendermos o **ser** enquanto “evento único” (BAKHTIN, 1993), cuja existência não se limita apenas à **sua**, mas a **ser-com**, pois os outros (a construção do **ser-com-os-outros**) são constitutivos da existência do **ser**. Esse posicionamento, sustentado por Bakhtin, abre espaço para pensarmos que não é possível compreender o objeto sem os seus laços, sem seus **com-os-outros** – como se foi convencionado a fazer, como foi ensinado à Linguística para ela “alcançar” o *status* de ciência –. É preciso, no entanto, mais. E Bakhtin percebeu isso, sabia disso e não podia se eximir de sua responsabilidade. Não se eximiu. E nos deixou uma obra inacabada (e sem título), coerente com suas reflexões, pois não nos poderia dar um ponto final⁵.

Na esteira dessas discussões sobre a pesquisa científica nas Ciências Humanas, são às noções de singularidade e de responsabilidade que recorreremos para lançar luzes sobre questões teóricas que possam nos ajudar a refletir sobre o que seria uma pesquisa científica. Tais noções aparecem, na arquitetura bakhtiniana, como necessárias para uma reflexão sobre um **ato ético responsável**, que – ao contrário do pensamento científico universal, em que o pesquisador desistoriciza, recorta da existência e simplesmente objetifica o seu objeto (tornando-o abstrato) à procura de um pensamento teórico válido – vai entender, tanto o pesquisador quanto o objeto, construindo-se na pesquisa a partir de seus lugares no

⁴ No Brasil, as obras de Bakhtin ganharam espaço no meio acadêmico, em especial na área dos estudos da linguagem. Seu pensamento se configura como uma das grandes teorias estudadas no país, apresentando grupos de pesquisa consolidados, uma revista específica (Revista Bakhtiniana) e uma designação própria, introduzida por Beth Brait (2008), “Teoria/Análise dialógica do discurso”. No entanto, apesar da proliferação de estudos nessa área, a obra **Para uma filosofia do ato**, talvez, não vinha merecendo a devida atenção, fato que fez os pesquisadores voltarem, nos últimos anos, a essa obra, já que, segundo Amorim (2009, p. 19), ela “(...) é a matriz filosófica de tudo o que vem depois; confirma e esclarece os demais textos.”

⁵ Segundo Amorim (2007, p. 17-18), **Para uma filosofia do ato** “integra um conjunto de manuscritos que Bakhtin havia guardado em um esconderijo em Saransk, cuja existência somente seria revelada pelo próprio Bakhtin nos anos 1970, quando já se sentia a salvo das perseguições políticas.” Ao revelar a existência desses rascunhos, entendemos que Bakhtin assina o seu ato responsável.

evento único do **ser**, que são singulares e apresentam uma eventicidade irrepitível; além de o *eu* passar a ter espaço no juízo de valor. Há, portanto, uma mudança de perspectiva que poderá ajudar-nos a compreender melhor a relação entre pesquisador e objeto, na pesquisa científica, nas Ciências Humanas. É o que discutiremos por meio das noções de singularidade e responsabilidade.

Das influências teóricas de *Para uma filosofia do ato*

Para uma filosofia do ato, como afirmamos anteriormente, é uma obra inacabada, um rascunho, que possivelmente seria retomado para uma futura edição, mas isso nunca aconteceu, deixando “nós, seus leitores, em boa parte a ver navios” (FARACO, s. a, p. 149). Faraco ainda aponta, além do caráter inconcluso do texto, outra complexidade que circunda essa obra bakhtiniana, o fato de ela apresentar poucas citações e referências, dificultando a nós, leitores, que retomemos os fios aos quais Bakhtin faz referência, dialoga. Em uma leitura atenta, no entanto, é possível, aqui e acolá, observar relações sendo travadas por Bakhtin, seja para refutá-las, seja para confirmá-las, a fim de corroborar e construir o seu ponto de vista.

As tentativas de recuperar esses fios “perdidos”, nessa obra bakhtiniana, já vêm sendo feita por estudiosos do pensamento bakhtiniano, a exemplo dos próprios tradutores que fazem menção, por meio de prefácios, posfácios e notas de tradutores e de comentaristas, aos prováveis diálogos travados pelo autor. Entre esses diálogos, destacamos as referências feitas ao pensamento heideggeriano, na nota de rodapé número 5, introduzida na versão espanhola de Tatiana Bubnova (BAJTIN, 1997, p. 13), ao estabelecer uma relação entre o uso da palavra *histórico* por Bakhtin (com caráter de acontecimento) e o sentido dado por Heidegger e seus seguidores à palavra *geschichtlich* (acontecimento); além da aproximação feita por Faraco (s. a.), no posfácio de sua versão portuguesa, sobre a existência humana e a sua singularidade, questões que aparecerão profundamente na obra **Para uma filosofia do ato**⁶. Para Sampaio (2012a), a importância do estudo de Heidegger se justifica não apenas pela “(...) envergadura de sua vasta obra e pela influência que

⁶ Lembremos que a referência direta ao pensamento heideggeriano não é feita por Bakhtin, mas pelos seus comentadores e tradutores. Bakhtin, ao longo do texto, trava diálogos com Immanuel Kant, Friedrich Nietzsche, Edmund Husserl, Henri Bergson etc. Entre esses autores, Kant parece ter sido decisivo para a arquitetura em Bakhtin, já que ele e seu círculo ressignificam as “razões” kantianas (SOBRAL, 2005, p. 108).

exerceu e exerce na filosofia contemporânea, mas sobretudo pelo fato de ser considerado um dos precursores da Fenomenologia (...)” (2012a, p. 193) e por ter se voltado para questões ontológicas à procura de compreender melhor o **ser** e sua relação de **ser-aí** e **ser-no-mundo**.

Tais discussões, presentes no pensamento de Heidegger, ainda que não sejam mencionadas diretamente em **Para uma filosofia do ato**, ecoam no pensamento de Bakhtin, como, por exemplo, a preocupação pela questão ontológica do **ser** e pela questão ética, que implica pensar na singularidade – o evento único do **ser** –, e no ato ético responsável. Neste trabalho, portanto, discutiremos como essas noções implicarão na forma como o sujeito-pesquisador, na área das Ciências Humanas, entenderá o seu **outro** (o objeto) e como se portará, por meio de sua singularidade – ele é único e o seu olhar para o objeto também o será –, eticamente frente ao seu objeto e se responsabilizará por ele⁷.

As considerações traçadas por Heidegger sobre o **ser**, muito provavelmente, ajudaram Bakhtin a travar suas indagações sobre o método para tratar das questões do **ser**, em toda a sua complexidade, sem reduzi-lo à simples existência, mas compreendê-lo na sua unicidade, na sua responsabilidade, na sua relação com a historicidade e com o **outro**. Heidegger, assim, partiu da tradição para transcendê-la, à procura do sentido, que só pode ser encontrado na existência. Trata-se de uma superação da metafísica, uma outra forma de pensar o **ser**, não a partir do ente (como pensara a metafísica), mas a partir do sentido, pois “somente a partir do sentido”, ou seja, ‘da verdade do ser’, é que se “pode compreender como o ser é” (HEIDEGGER *apud* SAMPAIO, 2012a, p. 198). Em Heidegger, portanto, há “um projeto ontológico de conhecimento do ente” por meio de uma transcendência do **ente** “como essencialmente constitutiva do **ser-aí**” (SAMPALIO, 2012a, p. 200)

Além disso, o **ser**, para Heidegger, não é simples presença, mas o **estar-lançando** que apresenta sua tonalidade afetiva e valência emotiva. Nesse sentido, ao contrário do ser puro, como em Kant, em Heidegger o **ser** é um “projeto-lançado” – concretamente definido e historicamente situado. Dessa forma, na interpretação de Vattimo (1996, p.39-40), para Heidegger,

⁷ Embora uma comparação com pontos da filosofia de Heidegger não seja o objetivo deste artigo, faremos um rápido percurso sobre as possíveis aproximações da obra **Para uma filosofia do ato**, de Bakhtin, com o pensamento heideggeriano. Esse percurso levanta pontos de encontro entre os autores que, a nosso ver, são fundamentais para se compreender as noções de singularidade e responsabilidade e a importância de tais noções para a pesquisa científica em Ciências Humanas.

o ser-no-mundo nunca é sujeito puro porque nunca é espectador desinteressado das coisas e dos significados; o “projeto” dentro do qual o mundo aparece ao *Dasein* não é uma abertura da “razão” como tal (como o *a priori* kantiano), mas sempre um projeto “qualificado”, definido, poderíamos dizer, “tendencioso”. (VATTIMO, 1996, p. 39-40, *grifo do autor*)⁸

Heidegger (*apud* VATTIMO, 1996, p. 45) ainda afirma que o estar-aí pode ser autêntico (não alcança a verdadeira abertura) ou inautêntico (o **ser** se apropria de si, é a concretização da possibilidade mais sua), já que o **ser** “pode, no seu estar-aí, ou ‘escolher-se’, conquistar-se, ou perder-se e não se conquistar de modo algum”. Estando, então, lançado, o **ser** pode (possibilidade aberta se) “escolher” por viver uma vida inautêntica ou autêntica, isso significa, portanto, que o **ser** assume, de certo modo, suas responsabilidades (*idem*, p. 48). O **estar-aí**, dessa forma, deve ser compreendido enquanto cuidado – não no seu sentido moral – mas o cuidado “diante-de-si-estar-em (um mundo) enquanto ser-junto (ao que se encontra dentro do mundo)” (HEIDEGGER *apud* VATTIMO, 1996, p. 49).

Por meio dessas questões, Heidegger abre espaço para pensarmos nas questões ontológicas do **ser** – o **ser** em relação com o sentido; o sentido e a verdade do homem por meio do **ser** – daí o **ser**, para o filósofo, não ser pensado como simples presença, mas como evento, possibilidade, instabilidade, um **dever a ser** (atualização, movimento, abertura). Além disso, a abertura dada por Heidegger para se pensar o **ser** permite-nos pensá-lo em sua relação com os outros e na responsabilidade advinda dessa relação de **ser-com**.

Para o Heidegger de **Ser e Tempo**⁹, segundo Vattimo (1996, p. 15), o problema das ciências históricas “assume afora a sua fisionomia mais adequada que é não a de um problema metodológico, mas a de um problema ontológico” e, continua Vattimo (*idem*, p. 16), o problema da historicidade, reconhece Heidegger, também é um problema ontológico, visto que é um problema da filosofia da vida. Dessa forma, discutir o estatuto da temporalidade se faz necessário, já que a questão da temporalidade implica “a explicação do tempo como horizonte transcendental do problema do ser” (*idem*, p. 22) e, conseqüentemente, “a

⁸ Vattimo (1996, p. 26-27) afirma que “o termo alemão para designar ‘existência’ é *Dasein*, literalmente estar-aí (...) existência, *Dasein*, ser-no-mundo, são, pois sinônimos. Os três conceitos indicam o fato de o homem estar ‘situado’ de maneira dinâmica, a saber, no modo de poder ser ou também, como diria Heidegger pouco depois, na forma de ‘projeto’”.

⁹ Considerado por muitos estudiosos a maior obra de Heidegger.

reformulação do problema do ser é efetuada em relação com o tempo” (*ibidem*). E não se trata, aqui, de objetificar o **ser**, torná-lo algo que se possa apropriar, mas compreender que

a relação com o ser é muito mais radical e profundamente constitutiva do próprio estar-aí do homem; a tal ponto que na superação da metafísica não se pode tratar de encontrar um novo conceito de ser, mas antes de buscar-se primordialmente um novo modo de exercitar o próprio pensamento. (*idem*, p. 108)

Trata-se, então, de exercitar o pensamento – de aprender a pensar –, compreendendo o **ser** na sua relação histórica com os outros e na sua relação com a linguagem. Nesse sentido, o **ser** entendido como iluminação – “tal iluminação acontece apenas no homem e pelo homem, o qual, todavia, não dispõe dela, porque é a iluminação que dispõe dele” (*idem*, p. 117) – e o modo pelo qual o **ser** se dá historicamente levam Heidegger a pensar o **ser** na sua historicidade (passado, presente, futuro), no seu acontecer na história. O **ser do ente**, portanto, é histórico e é construído na relação com o ente – na sua vivência vivida. E a linguagem aparece como a forma de vivenciar o mundo, ou seja, “aparece como o próprio modo de abrir-se da abertura do ser” (*idem*, p. 130). Pois, “só na linguagem as coisas nos podem aparecer, e só no modo como a linguagem a faz aparecer” (*ibidem*). Para Heidegger, portanto, a procura pelo sentido da verdade do ser (pensar a verdade) implica pensar a linguagem (SAMPAIO, 2012a, p. 202).

Na essência do **ser**, então, o que é mais próprio do **ser** é a experiência com a linguagem. O modo de ser do **ser** se dá por essa experiência, que é única – singular – e responsável. Essa experiência, no entanto, como afirma Sampaio (2013, p. 2), parece ser diferente de “(...) adquirir conhecimentos linguísticos sobre a linguagem pela ciência linguística, pela filologia ou pela psicologia (...)”, pois a experiência apontada por Heidegger só se concretiza na vida vivida, por meio da experiência vivida. E é a linguagem, reiteramos, que permite a abertura do **ser**, que permite a vivência e a experiência, em que o **ser** se deparará com um mundo onde poderá encontrar-se, **ser-com-os-outros**, **ser-consigo-mesmo** (esta expressão é nossa). É preciso deixar envolver-se pela linguagem, no mais íntimo de si, no processo único de seu ato responsável, para alcançar o sentido puro (a verdade), é o que Bakhtin nos ensinará em **Para uma filosofia do ato** (*idem*, p. 6).

Nas teias da singularidade e da responsabilidade: a ética bakhtiniana

Levamos, na seção anterior sobre o pensamento heideggeriano, considerações importantes que nos ajudarão a compreender a empreitada iniciada por Bakhtin. Dentre as questões presentes no pensamento de Heidegger, destacamos o seu pensamento sobre a existência do ser, por meio das questões da linguagem e da temporalidade e, principalmente, da singularidade e da responsabilidade, noções que serão fundamentais na arquitetura bakhtiniana e nos ajudarão a apontar caminhos sobre a pesquisa científica em Ciências Humanas.

Bakhtin (1997), em **Para uma filosofia do ato**, constrói seu texto na oposição pensamento (ato ético) *versus* razão teórica (ato cognoscente), mostrando-nos que a teoria não toma conta do ser. É preciso compreender o **ser** enquanto “o evento único do ser”, já que a cognição teórica (a teorização, a explicação a partir de generalizações) não tem acesso ao evento em processo do ser, à sua singularidade/unicidade. Há, pois, uma diferenciação entre o mundo teórico (da cognição) e o mundo da vida, sendo preciso olhar para os atos humanos em sua singularidade, e não um pensamento de juízo de validade universal – como pensa o mundo da cultura –. Dessa forma, para Bakhtin:

Es imposible cualquier orientación práctica de mi vida en el mundo teórico, en el cual no se puede vivir, ni actuar responsablemente; yo no soy necesario en este mundo, no estoy en él por principio. El mundo teórico se obtiene en una abstracción de principio con respecto al hecho de mi único ser y de su sentido ético, es concebido “como si yo no hubiese existido” (...) exista yo o no exista; esta concepción teórica no puede ofrecer ningún criterio para la vida práctica, para la vida del acto ético, ético, yo no lo habito, y si este ser teórico hubiese sido el único, yo no habría existido. (BAJTIN, 1996, p. 16-17)¹⁰

Bakhtin (1997), já nas primeiras páginas de seu manuscrito, levanta um ponto crucial na sua discussão: a insuficiência da cognição teórica para compreender a vida prática, a vida vivida, pois a generalização e a validade de juízo universal, construída pelo mundo teórico, não dão espaço para se pensar o acontecimento do **ser** – a sua eventicidade. A verdade do ser (o sentido), para Bakhtin, não pode ser encontrada pela teoria, já que a abstração produzida por ela corta os laços existentes entre o **ser** e a sua vida prática. Esse é o primeiro ponto

¹⁰ As citações em língua espanhola estarão em itálico.

que destacamos e, a partir do exposto por Bakhtin em sua obra **Para uma filosofia do ato**, é preciso uma outra forma de pensar o **ser** na dimensão do evento em processo do **ser**. Para Bajtin (1997, p. 20), então, tudo o que deriva da cognição teórica não tem remédio, mas *“existe una salida desde el acto ético, que no desde su transcripción teórica, hacia su contenido semántico mismo que se admite y se incluye desde el interior del acto ético, puesto que el acto ético efectivamente se lleva a cabo en el ser”*.

A partir disso, Bakhtin vai propor o entendimento do conhecimento por meio do ato ético, mostrando-nos que o conhecimento só é possível a partir da unicidade do **ser** e da responsabilidade que esse ato implica; e, dessa forma, *“sólo desde el interior del mi acto, en cuanto que sea mi acto ético responsable, se puede hallar una salida hacia esta unidad del ser, que no del producto del acto concebido inconcretamente”* (*idem*, p. 25, *grifo do autor*). Para Bakhtin, não há dúvidas de que o pensamento universal da cognição teórica é insuficiente para abarcar a riqueza do evento único do **ser**, em toda a sua unicidade concreta, seu potencial emocional e volitivo, pois a cognição teórica separa o produto das suas raízes, reduzindo-o à simples presença.

Essa preocupação parece ter sido similar à que Heidegger teve em relação à existência do **ser** e o questionamento de como chegar ao sentido, à compreensão, por meio da linguagem. E o pensamento parece ser o caminho que une esses dois filósofos. Para Sampaio (2012a), *pensar a verdade* é uma preocupação de ambos, “(...) já que o pensar veridicamente é uma orientação (dever ser) da própria consciência. Um ato ético responsável, por conseguinte, só pode resultar de um **pensamento participativo**, ou seja, engajado, compromissado, interessado: um pensamento não indiferente” (p. 202-203, *grifos da autora*). E esse pensamento não indiferente tem que levar em consideração a singularidade do evento único do **ser** e compreender que esse posicionamento implica não verdades absolutas, verdades pré-estabelecidas, mas na imprevisibilidade da verdade¹¹. Eis o caminho que vai sendo traçado por Bakhtin. Para ele, a cognição teórica é apenas um momento que deve ser ultrapassado; e uma das possibilidades, que poderia apresentar um certo êxito, na busca pela compreensão do **ser**, talvez, seria o

¹¹ Em Heidegger, pode-se falar em modos de acontecer a verdade, o que se refere às dúvidas que fazem avançar a ciência. Bakhtin, aproximando-se do pensamento heideggeriano, afirma que a verdade é única e singular, pois imprime o tom volitivo e emocional aos valores dados.

materialismo histórico (BAJTIN, 1997, p. 27-28)¹², caminho o qual Bakhtin não “avança” no manuscrito.

O caminho trilhado por Bakhtin é, portanto, o de compreender o evento único (irrepetível) do **ser** no seu ato executado, por meio dos pilares da singularidade, da responsabilidade e da alteridade; e, para tanto, afirma a necessidade de uma **filosofia primeira**, uma filosofia moral – ética –, que observe a auto-atividade do **dever-ser** na participação única do **ser**, pois “*existen mundos diversos del acontecer, cuantos centros individuales de responsabilidad, o de sujetos singulares participativos existen, mientras que sabemos que ellos son una multitud infinita*” (*idem*, p. 52) . Desse modo, Bakhtin, não só pensa na singularidade, mas na responsabilidade, pois ela “(...) é a fundação da ação moral, o modo pelo qual nós superamos a culpa da cisão entre nossas palavras e nossas ações, mesmo que não tenhamos um álibi na existência” (HOLQUIST, 1993 p. 9). Todo ato, nesse sentido, pressupõe a assinatura do “eu”, sua “*firma-reconocimiento*” (BAJTIN, 1997, p. 46), já que

o ato inteiro, integral, da nossa atividade (...) precisa, portanto, ter a unidade da responsabilidade ou da responsabilidade bilateral: precisa responder tanto pelo seu conteúdo-sentido quanto pelo seu ser. A responsabilidade pelo seu ser constitui a sua responsabilidade *moral*, na qual a responsabilidade pelo seu conteúdo precisa ser integrada como um momento constituinte. (HOLQUIST, 1993 p. 14)

Outro ponto levantado, na arquitetônica bakhtiniana, é a questão da responsabilidade da qual não é possível se eximir. A responsabilidade **moral** (ética) significa tanto ser responsável pelo conteúdo-sentido de seu ato executado quanto pelo seu **ser**. Além da própria responsabilidade que temos diante do **outro**, a qual também não nos eximimos, já que, na arquitetônica proposta por Bakhtin, a singularidade e a responsabilidade se constroem na alteridade. Dessa forma, a **filosofia primeira** (filosofia moral) “(...) *debería ocuparse de describir esta arquitectónica del mundo real del acto ético, no en forma de un esquema abstracto,*

¹² Ao falar que a filosofia teórica não pode pretender ser a filosofia primeira (como é designado seu projeto arquitetônico), porque aquela não trata da singularidade e da unicidade do acontecimento do ser, Bakhtin afirma que disso resulta “(...) *la profunda insatisfacción de quienes conciben participativamente a la filosofía contemporánea, insatisfacción que los incita a dirigirse a la doctrina del materialismo histórico, el que (con todas sus fallas e insuficiencias), resulta atractivo para una conciencia participativa por tratar de construir su mundo, empezando por conceder un lugar a un acto ético determinado, concretamente histórico y real, de modo que en su mundo una conciencia que aspira y actúa puede orientarse.*” (BAJTIN, 1997, p. 27-28)

sino como un plano concreto del mundo del acto unitario y singular” (BAJTIN, 1997, p. 61). O ato ético, portanto, abarca a totalidade de nossas ações, todo ato é presente, passado e futuro, movimento contínuo que não considera pontualmente o objeto. O método apresentado por Bakhtin, assim, se estrutura “en torno a estos momentos centrales emocionales y volitivos: yo, otro, yo-para-otro” (ibidem), cujo centro de referência de valores – o centro de irradiação – é o “eu” (yo-para-mí), “(...) puesto que se trata de un punto único en el cual yo me sitúo como responsablemente participante en el ser singular (...) (idem, p. 66).

Similar ao que observamos em Heidegger, para Bakhtin é preciso compreender o **ser** “lançado” na vida prática, em toda a dimensão espaço-temporal, emocional e volitiva¹³. Para este autor, há a necessidade de pensar a participação do **ser** no processo do evento único do **ser**, superando, assim, a redução produzida pela cognição teórica. Sua intenção, portanto, não é “(...) construir un sistema de valores lógicamente unificado, poniendo a la cabeza como valor principal mi participación en el ser (...) (BAJTIN, 1997, p. 67), mas

ofrecer una representación o descripción de la arquitectónica valorativa del vivir el mundo, no con una fundamentación analítica a la cabeza, sino con un centro verdaderamente concreto (espaciotemporal) de emanación de valoraciones, afirmaciones, actos reales, cuyos miembros son objetos reales vinculados entre sí por medio de relaciones de un acontecer concreto (las relaciones lógicas aquí no son más que un momento al lado de lo espaciotemporal y de lo emocional y volitivo), dentro del singular acontecimiento del ser. (ibidem)

Eis o método que vai se construindo em **Para uma filosofia do ato**, o qual leva em consideração a vivência, a singularidade, a responsabilidade, a alteridade constitutiva e a dimensão emocional e volitiva do **ser**. O centro de referência de valor (o “eu”) se posiciona em relação ao “outro” (que apresenta o seu centro de referência de valor) e, dessa forma, os sentidos são atribuídos a partir desses centros de valores. Não há, no projeto arquitetônico bakhtiniano, uma universalização e abstração do “outro” (no nosso caso, o objeto a ser estudado pelo

¹³ Sobral (2005, p. 111), ao se remeter ao pensamento de Bakhtin, afirma que “a vida dos seres humanos (que não tem álbi na existência) define-se como uma sequência de atos éticos, responsáveis e responsivos que tem início com o evento uni-ocorrente (fundador e irrepitível) da irrupção de seu ser, de sua vinda ao mundo, e só se interrompe com a morte, outro evento uni-ocorrente em cada vida individual”. Sobral (*idem*) ainda aponta, em nota de rodapé, que “a vinda ao mundo” se aproxima do pensamento heideggeriano sobre o ser “lançado” no mundo.

pesquisador), mas uma outra forma de pensar que leve em consideração a relação estabelecida entre o próprio “eu” (o eu para mim), a relação estabelecida do “eu” com o “outro” (o “eu” para o “outro”) e a relação do “outro para comigo” (o “outro” para “mim”). Essa forma de pensar requer um ato ético responsável e, como diria Bakhtin, não temos um alibi para continuarmos tratando os nossos objetos como abstrações (sem pensarmos em sua singularidade), desvinculados de suas raízes com a vida vivida.

E a Pesquisa Científica em Ciências Humanas? – Na tentativa de um ponto final...

Os apontamentos levantados tentaram lançar luzes sobre o posicionamento defendido por Bakhtin, em sua obra **Para uma filosofia do ato**. Ao longo de seu texto, o autor vai levantando questionamentos sobre a insuficiência da cognição teórica para abarcar a complexidade da vida vivida e a necessidade de um pensamento engajado, comprometido e interessado, cujo tratamento com o objeto perpassa pela questão afetiva e pela empatia do pesquisador pelo seu **outro**. Trata-se, portanto, de um ato ético responsável, não indiferente, mas interessado e ativo (BAJTIN, 1997, p. 40), o qual o sujeito-pesquisador, lançado no mundo, tem que responder pelo seu ato no mundo (o encontro com o seu objeto de pesquisa e, conseqüentemente, a escrita), pois sobre o seu ato tem responsabilidade¹⁴.

Para Bakhtin (1997), a responsabilidade, que se constitui por meio da alteridade, vai levá-lo a pensar em um paradigma ético, que não se prende às verdades de uma teoria. Tal dimensão ética, proposta pelo filósofo, propõe o ato do pensamento como um ato ético responsável, ou seja, apenas no ato de pensar (singular) que é possível encontrar a verdade do ser (o sentido). Sobre isso, Amorim (2007) afirma que

somente o *ato* pode ser ético, pois é nele que o sujeito é convocado. Enquanto abstração, o único dever da teoria é ser verdadeira. Mas o próprio dever de buscar a verdade, aquilo que me obriga a pensar veridicamente quando estou pensando, não decorre do conteúdo, mas do pensamento ético. (2007, p. 21, *grifo da autora*)

¹⁴ No dizer de Jobim e Souza e Albuquerque (2012, p. 117), “é preciso pensar a ética na pesquisa centrada na responsabilidade do pesquisador, uma vez que o ato de pesquisar pode ser entendido como um acontecimento único: inicialmente a partir do ato singular entre o pesquisador e seu outro e, em seguida, consolidando-se no ato da escrita do texto”.

No ato, portanto, há uma responsabilização sobre o pensamento, pois, a partir do lugar que estou situado e de minha singularidade, ninguém pode responder pelo meu pensamento. Não há álibi que me isente do meu pensamento e do meu ato. O meu pensamento, dessa forma, passa a ter uma verdade para mim, é válido, pois nele é impresso o meu valor. A necessidade de se buscar o “pensar” para “pensar a verdade” é um ato ético que não se confunde com o verdadeiro da teoria, pois “não é a teoria que me obriga a ser verdadeiro quando penso ou a formulo, mas é o meu ato singular de responsabilidade em face de pensar que me coloca o dever de verdade” (AMORIM, 2007, p. 28-29).

Parece-nos, então, que, a partir dessas considerações, é possível indicar caminhos para se pensar na pesquisa científica em Ciências Humanas e as questões da singularidade e da responsabilidade nos ajudarão a “pontuar” esses caminhos. É preciso primeiro compreender que a abordagem bakhtniana nos permite uma abertura do **ser**, o que nos leva a pensar que tanto o sujeito-pesquisador quanto o **outro** (o homem – o “objeto” de nossa pesquisa) precisam ser compreendidos por meio de sua singularidade, inserido historicamente em sua relação com o passado, presente e o futuro (do seu lugar único no **ser**), e não de forma abstrata. É necessário que o sujeito-pesquisador, a partir de seu lugar, olhe para o seu objeto não pelo olhar do teorismo, o qual espera validar dados pré-estabelecidos, mas que o olhe por meio de um ato ético responsável, que implica “pensar” interessar-se, comprometer-se, posicionar-se em relação ao **outro**, sem limitá-lo, abstraí-lo ou universalizá-lo. A verdade encontrada pelo sujeito-pesquisador não será universal, mas o pensamento e a verdade (o sentido) que ele conseguiu pensar, situado naquele espaço de tempo, será um ato ético responsável¹⁵, já que seu **pensamento participativo** proporcionou um olhar sobre o **outro**, um olhar por meio de um ato ético responsável. Portanto, “uma ação dialógica como ato responsável – resultante da auto-atividade do **dever-ser** – deve orientar-se para um conteúdo-sentido que só pode ser desvelado no Ser-evento e através do reconhecimento de nossa participação única no Ser” (SAMPAIO, 2012b, p. 190-191)

¹⁵ Sobral (2005, p. 117) afirma que “toda pesquisa é ‘mais uma’ pesquisa; no entanto, é ‘a’ pesquisa de um dado pesquisador, sua contribuição para o gênero. Não é pois mera repetição de uma fórmula, mas o enquadramento numa forma, que se quer arquitetônica, que vai além do composicional”. É por compreender a pesquisa como “a” pesquisa que o sujeito-pesquisador se envolve ética e responsabilmente com o seu objeto.

O conhecimento construído pela Linguística e as demais ciências humanas, desse modo, é “(...) necessário, mas não suficiente para fundamentar meu ato: tenho de assumi-los do meu interior; tenho de reconhecê-los, apor minha assinatura neles. Ou seja, sem a disposição moral da consciência, nada feito”. (FARACO, s. a., p. 155). Para Bakhtin, nenhuma teoria consegue apreender a complexidade da vida vivida, em sua singularidade, seu tom emocional e volitivo. Somente uma **filosofia primeira** (filosofia moral), por meio de sua arquitetônica do mundo vivido – o **eu** para **mim**, o **eu** para o **outro**, o **outro** para **mim** –, é possível pensarmos em um ato ético responsável, na sua dimensão de “*ato responsável e responsável* de construir e disputar sentidos na unicidade do ser-evento” (SAMPAIO, 2009, p. 49, *grifo da autora*).

Dessa forma, na pesquisa em Ciências Humanas, assim como em nossas ações na vida vivida, desde o nosso interior, por meio de nossa singularidade, não temos um alibi para que não respondamos pelo conteúdo e o processo de nosso ato executado, não há justificativas que me isente de responsabilidade, a minha assinatura foi firmada. Em meio à nossa individualidade, para Bakhtin (1997), o ato ético responsável aparece como uma injunção necessária para a eventicidade do ser, condição necessária para o seu lugar único no **ser**. Dessa forma, sabendo que estamos todos lançados no mundo, por meio de nossa singularidade – tom emocional e volitivo – e a nossa relação de **ser-com-os-outros**, também não somos, portanto, responsáveis pelo que fazemos com o **outro** (nosso objeto de pesquisa) e os resultados advindos dela?

É preciso deixar-se levar pelo objeto, escutá-lo e permitir que ele o “toque”, sem sufocá-lo no teorismo ou reduzi-lo a um simples objeto abstrato ou substituível. Desse encontro singular, afetado pelo olhar do outro, que se alcançará o ato ético por meio da experiência vivida. O sujeito-pesquisador, desse modo, tomado pela tensão desse encontro, em seu ato de pensar, em sua singularidade, assinará o seu ato responsável e responderá por ele. Esse ato, por sua vez, tem uma dimensão política, já que o que está em jogo é o compromisso ético do sujeito-pesquisador frente ao seu objeto de pesquisa, mesmo que, muitas vezes, o objeto o contrarie e aponte para outros lugares. É ético escutar o objeto. É parte da responsabilidade do sujeito-pesquisador aprender a escutá-lo, olhar para os lugares que ele aponta e assinar o seu ato. Parece-nos que não foi à toa que Bakhtin (1997)

tenha optado por revelar a existência de sua obra, mesmo inacabada, e não a tomou para uma possível edição, assumiu sua responsabilidade... e com este ponto final, assumo a minha.

Referências

AMORIM, M. Para uma filosofia do ato: “válido e inserido no contexto”. In: BRAIT, B. (Org.) **Bakhtin, dialogismo e polifonia**. São Paulo: Contexto, 2007, p.17-43.

BAJTIN, M. **Hacia una filosofía del acto ético**: de los borradores y otros escritos. Trad. Tatiana Bubnova. Rubi (Barcelona): Antropos, 1997.

_____. Para uma filosofia do ato. Trad. da Ed. Americana. **Toward a Philosophy of the act**. Austin: University of Texas Press, por Carlos Alberto Faraco e Cristovão Tezza, 1993.

BRAIT, B. Análise e teoria do discurso. In: _____. (org). **Bakhtin: outros conceitos-chave**. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2008, pp. 9-31.

FARACO, C. A. **Um posfácio meio impertinente**. São Carlos, SP: Pedro & João Editores, 2010, p. 147-158.

HOLQUIST, M. Prefácio. In: BAKHTIN, M. Para uma filosofia do ato. Trad. da Ed. Americana. **Toward a Philosophy of the act**. Austin: University of Texas Press, por Carlos Alberto Faraco e Cristovão Tezza, 1993, p. 3-11.

JOBIM E SOUZA; S.; ALBUQUERQUE, E. A pesquisa em ciências humanas: uma leitura bakhtiniana. In. **Bakhtiniana: Revista de Estudos do Discurso**. São Paulo: v. 7, n. 2, jul/dez 2012, p. 109-122.

SAMPAIO, M. C. H. A propósito de Para uma filosofia do ato (Bakhtin) e a pesquisa científica nas Ciências Humanas. In. **Bakhtiniana: Revista de Estudos do Discurso**, v. NR 1, 2009, p. 42-56.

_____. Origens filosóficas da Ética em Bakhtin: re-leituras da Metafísica e da Fenomenologia ontológico-hermenêutica. In. **História das ideias: diálogos entre linguagem, cultura e história**. 1 ed. Passo Fundo: editora universidade de Passo Fundo, 2012a, v. 01, p. 192-215.

_____. Ética e ciências humanas: diálogos filosóficos entre M.Bakhtin e E.Lévinas. **Cadernos de Linguagem e Sociedade**, v. 13, 2012b, p. 185-206.

_____. **A experiência da linguagem em Bakhtin e em Heidegger**. Mimeografado, 2013, 7p.

SOBRAL, A. Ético e estético na vida, na arte e na pesquisa em Ciências Humanas. In: BRAIT, B. (Org.). **Bakhtin: conceitos-chave**. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2005, p. 103-121.

VATTIMO, G. **Introdução a Heidegger**. 10 ed. Gius Laterza & Figli SPA, Roma-Bari. Edição Portuguesa por mediação de Literacy Agency Eulama. Lisboa: Instituto Piaget, 1996.

Recebido em 30 de março de 2015

Aprovado em 27 de novembro de 2015